

VIMARANENSE

Semanario independente, litterario, noticioso e defensor dos interesses locais

Director, proprietario e editor — Custodio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno, sem estampa	1\$200
Semestre, idem	600
Anno, com estampa	1\$300
Semestre, idem	750
África e Brazil, por anno (mo J forte)	2\$250
Numero avulso	40

Redacção, Administracão, composicão e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	\$60
Repetição dos mesmos	\$20
Anuncios permanentes, contracto especial	\$20
As obras litterarias annunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autographos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

NOTAS POLITICAS

Diogenes—Excepção á sua philosophia—O supremo sol—Ser privilegiado—Qual Monte Carlo—Um caso singular—O direito de associacão—Prévio que é posterior—O criterio da auctoridade—O que vamos vêr—Siga-se o apocalypse

Conta-se de Diogenes que, procurando um amigo persuadido de que não trabalhasse tanto, por ser já velho, o philosopho respondeu, sabiamente: *Se tu correras no estadio em competencia, por ventura pararias ou affrouxarias, estando já perto da raia ou balisa? Antes apertarias mais o pé. Quanto menos resta da vida, tanto devemos procurar seja honesta.*

A boa maxima que estas palavras encerram, pode entender-se com toda a gente, menos com os parlamentares portuguezes. Se alguém ousar apresentar-lh'a, elles responderão immediatamente: *Isso é philosophia que não nos serve. Poderia ser boa para o philosopho celebre pelo seu tonel, que foi a sua unica habitação, pelo seu alforge, pelo seu pau, pela sua tigela e pela lanterna com que procurava um homem em pleno dia. Não nos serve a nós, que não temos a quem dizer como Diogenes disse a Alexandre o Grande: «O que quero de ti? Que te tires do meu sol!*

Effectivamente, o parlamento portuguez não tem que se arrecear de que lhe tirem o sol, porque elle é o supremo sol, n'este paiz. Até lhe é licito expender ideias e proferir palavras, dentro do parlamento, que a censura chamada preventiva e que melhor deveria denominar-se prévia, não permite reproduzir, cá fóra, pela imprensa!

O parlamento portuguez está sendo um ser privilegiado, gozando de immuniidades verdadeiramente singulares. Esta é a verdade. Quanto mais avança o periodo das sessões, quanto mais o fim se approxima, tanto menos aberta o pé, em contraposição á philosophia de Diogenes. Confia nas habituaes prorogações das sessões legislativas, é certo; mas essas prorogações não poderão nunca ser indefinidas.

Acudiu-nos á mente o dito do philosopho grego, ao vermos o modo como se iniciaram as sessões da camara dos de-

putados, na semana que findou.

Quem entrasse, em determinado momento, no bello amphitheatro da camara, havia de suppôr-se transportado a esses luzentes salões dos casinos de Monte Carlo, de Nice, de Biarritz e San Sebastian, irmãos gemeos e faustosos das multipas casas de jogo prohibido em Portugal.

Discutia-se o jogo, não para o exterminar ou regulamentar, mas para averiguar da exequibilidade da disposicão testamentaria de um capitalista que, dedicado em vida a uma supposta theoria e não sabemos se a uma real pratica da roleta, houvera por bem contemplar em seu testamento um gremio de jogo e cooperadores d'esse gremio. O testador deixou ainda sommas quantiosas para n'este paiz, onde é raro apparecer quem premeie as obras destinadas á educacão do povo portuguez, se premiarem obras que se escrevam, de futuro, sob o methodo Dolivaes.

O que ferira os castos ouvidos dos nossos parlamentares, n'esta altura de quasi metade do periodo ordiario da sessão legislativa, não foi a razão ou sem razão com que o testador decidira contemplar o gremio da jogatina e os seus cooperadores. O que os movia e commovia é que semelhante gremio existisse n'um paiz cuja Constituição politica estabelece que o direito de reunião e associacão é livre e onde uma lei anterior a essa Constituição, porque tem a data de 14 de fevereiro de 1907, permite que todos os individuos no gozo dos seus direitos civis se organisem em associacão, independentemente de auctorisação, comtanto que os seus fins sejam compatíveis com as leis do paiz e dêem prévia participacão á auctoridade.

Ora a auctoridade entendera que a participacão dada em dezembro de 1916 da formacão de uma sociedade em 24 de maio de 1915 não era offensiva das boas praticas, pela mesma razão que a permissão tacita do jogo de azar como offensa de lei expressa, não offendia praticas correntes. Quanto aos fins do gremio em questão, não sabemos em que termos elles tenham sido denunciados á auctoridade. Disse-se no parlamento que elles se referiam á propaganda de um livro affirmando a certeza do lucro infallivel no jogo da ro-

leta. Se assim é, a auctoridade deixou-se levar, certamente, pelo criterio de não ser licito vedar a propaganda de um livro contrario á lei, n'um paiz onde tantos livros dissolventes tem sido constantemente espalhados, por fórma mais ou menos clandestina.

Levado agora o caso ao parlamento, vamos assistir, sem duvida, ao desenrolar de uma série de providencias, qual d'ellas mais fulminante. Vamos ver inquirir do modo como as variadas commissões existentes no paiz correspondem ao fim para que delaram instituir-se; vamos vêr montar-se um corpo de corregedores e esbirros annexos para esquadriharem por toda a parte onde possa existir uma casa de jogo, de modo a ser, desde logo, arrasada e os pontos reduzidos a virgulas; vamos vêr, emfim, instituir uma nova censura prévia, incomparavelmente mais feroz do que a da imprensa, para reduzir a cinzas, nas fogueiras de uma nova Inquisição e sob o peso da banição de um novo Santo Officio, mais formidavel do que o do seculo XVIII, esses livros pornographicos, essas publicações dissolventes que ahí enxameiam, por toda a parte.

Tudo isso veremos, sem duvida, para justificação do parlamento, na memoravel sessão a que nos referimos, e para que não possamos negar a philosophia de Diogenes aquelles que porventura queiram servir-se da lanterna do philosopho para em pleno dia espalhar luz por esse paiz além.

O que haja a fazer-se, facese depressa porque, como diz o Apocalypse: *o demonio tenta mais as almas, quanto presume que lhe resta menos tempo de as tentar...*

INFANCIA

*A infancia é a quadra mais ditosa,
Mais feliz e suave da existencia;
Brinca o riso nos labios da creança,
N'uma expressão sublime d'innocencia.*

*Quanta luz, quanta paz, quanta candura
Lhes envolve, em aureola radiosa
As angelicas frentes pequeninas,
Feitas de oiro e petalas de rosa!*

*E' emfim a quadra florescente
Da ventura, do riso e da alegria;
E' o mundo um eden delicioso,
O' vida um poema d'harmonia!*

*Mas com o ceu azul que de repente
Se encobre de densa tempestade,
E' fugaz Bem que passa inconsciente
E que gosamos só pela Saudade.*

RANGEL SOBRINHO.

Scenas maritimas

A MÃE

Crestada pelos temporaes e encardida pela desgraça, a mãe parece já velha e mirrada. Viu morrer todos os seus na barra, primeiro o avô, depois os filhos e o homem. Um a um foi lh'os o mar levando. Secçára-a a afflicção. Dilatou-se negra, de usada, de gasta pela vida e pela dôr: na cara tem sulcos de velhice e de lagrimas. Passou tudo—dôres, luctos e catástrophes; está affeita á fome e aos maus tratos. Quando o inverno não deixa ir ao mar a fome é negra.

—M'raios parta n' o mar!
Quantas vezes correu a costa, afflicta, aos tropeços, bebendo as lagrimas e o cuspo do mar salgado, do amargo oceano, esverdeado de coleras! De saia pela cabeça, as magras mãos no peito, acoutada do sul, ella lá ia, espreitando anciosa se os bateis chegavam sem perigo.

—Quem lhe falta, tiasinha?
Sempre! sempre o oceano lh'os leva, um a um arranca-os, mata os, sepulta-os!...

—O' tiasinha, quem lhe falta?
—O meu homem. Já o maldito me levou os irmãos e o pae... Levou tambem o velho...

Odeia-o. Elle, é certo, dá-lhe o sustento e o pão de todos os seus, mas em paga traga-os nos rudes dias de inverno. Conhece-o desde pequenina, sempre vestida de negro, toda a vida de lucto. Tanto tem chorado por via d'elle, que já não tem mais lagrimas para deitar.

Viram já a sua figura consumida, curva, gasta, apanhando na costa o molico, os pequenos bocados de madeira que a vaga atira á praia e com que os pobres se aquecem? Ao crepusculo, a saia agitada pelo vento, poras perdas a olhar o mar, quando o oceano em nevoa é cheio de mysterio e saudade, aquella creaturinha sumida, que tem passado a existencia a chorar, impressiona e commove.

Com o punho fechado ameaça-o:
—O' cão maldito!

Sem lhes poder valer viu-os sumidos alli, na barra, no Dente do Cão, todos os que amou, desde o velho aos pequenos que trouxe ao peito. Ficara-lhe um filhinho, destinado ao mar e que o mar levaria por fim como todos os outros. Que fazer? Todos os dias se come e se o mar dá a morte—só o mar dá o sustento. Por isso o seu odio augmentará, não já tanto pelos outros, mas pelo filhinho ruivo que ella via crescer n'uma afflicção.

D'uma familia de poveiros, casara com um homem d'afurada que para alli viera viver. A sua toca é construida de taboões arrancados aos velhos navios encalhados, de pedaços de cavername embreado, que, depois de viajarem durante annos no mar alto, veem um dia de tempestade dar á costa. De espinhaço serve-lhe um bocado de quilha. Todo o dia a casóta, enfiada e curtila, resoa como certas conchas que guardam o ruido do mar. De lar serve uma pedra, outra de cantareira. Pendurado n'um prego, um pequeno navio, feito pelo avô, balouça. Trapos

seccam no telhado e, se lhes dá o vento, acreditarieis que a casa, meia tonta, vae navegar como um barco. Negra, com raias escaladas á porta, arrumada a outros casebres, n'uma viella estreita e pedregosa, a toca tem um aspecto comovente e pitoresco. D'ella tem sahido para o mar e para a morte gerações inteiras de pescadores.

—Má raios partam o mar!
—Má raios para quê, se o oceano os traga?

Olhando para a filha, já crescidinha e linda, a mãe cuida:—Hade-te faltar de chorar como eu chorei... Tantas lagrimas com d'agua tem aquelle mar salgado...

Vem o inverno, vem a afflicção. Ninguém fia. Os dias frios e nevoentos, com o bramido do mar ao longe, são duros de passar e a vida má. Tomou o neto pela mão, dez annos, pequenino, olhos azues, ruivo e forte e, olhando o mar com odio, foi-lh'o levar. Procurou o novo arraes, o Manuel Pereira.

—O' sê Manuel diz que vae sahir ao mar um batel novo?...

—Vae, tia. Benze-se amanhã.

—Diz que se chama Vae com Deus...
—Pois chama. E' então, tiasinha?
—Então...

Hesitava. Vestida de negro, sumida, olhando o mar, hesitava. Mas tinham fome, dias e dias sem pão... Soluçando, disse:

—Então... Se vocemecê não tem o oço, aqui lh'o trago para a sua companhia.

—Pois sim... Bom rapaz, bom rapaz...

Com a mão callosa aflagava o pequeno, que sorria contente por ir ao mar.

—Pode ficar descancada, tiasinha, que eu olho por elle.

—E' o que peço de joelhos, sê Manuel. Faça-me essa esmola pelos que lá tem no outro mundo. Só tenho estel. Só estel... Os outros lá foram...

A soluçar, com a saia pelos hombros, voltou com o pequeno agarrado, encostado ás saias, como se já sentisse o mar a puxar lh'o.

—Má raios te partam, cão! Tudo me levás! Tudo!...

Foi ver o batel que n'aquelle dia chegára da Povoá. Já não ha esteleiros senão na Povoá. Ninguém sabe talhar uma quilha, pregar-lhe o cavername e as pranchas, transformar troncos de pinho resinoso n'um barco veleiro, senão os poveiros.

Horas e horas passou a fitar, d'olhos aguados, aquellas taboas ainda branquinhas do machado, com as juntas tomadas pelo calafate, e onde a mão d'um pescador tinha traçado em letras mal feitas e enormes, estas simples palavras—*Vae com Deus.*

Da Povoá citegou tambem certo dia o Manuel Serrão para talhar a grande véla.

Não ha homem mais alegre, com as suas barbas brancas e os dentes a reluzir na cara tostada. Todo o dia riu no areal ensolhado, cortando o panno, e toda a companhia em torno riu, ajudando a coser com *ticum* a véla enorme, a que só o Manuel Serrão sabe dar um bello talho, tornando o barco veleiro e leve...

De cachimão de barro na bocca

vieram os velhos um a um, rondar, ver a proa afilada do batel, o cavennone, dando a sua opinião e discutindo com o sota. Batendo na madeira, cuspindo, diziam sentenciosamente:

—Bom barco... Deve bolinar bem...

Por fim, de cruz alcada, entre gritos, foguetes e bandeiras, appareceu o senhor abade e o sacristão. Formavam alas os rapagões, de barbas cor de sargão e fatos domingueiros, e, gravemente, o padre, murmurando o seu lavim, aspergiu d'agua benta, abençoando-as, aquellas frageis taboas, que, arrancadas a uma arvore, iam levar para a morte e para o perigo os pescadores da companhia.

Até que, n'essa madrugada, o batel sahiu e a mãe foi-o seguindo pela praia lora. Magrava os pés nús na aspera penedia da costa e soluçava, com a saia pelos hombros. Adivinhava-o na escuridão; seus olhos, fartos de chorar, entreviam-no atravez da noite espessa. E foi assim andando até o perder de vista. Lá lhe levavam o seu ultimo filho! Quantos tinha já creado para a desgraça e para a morte? O João, depois o Antonio e por fim este, tão pequenino... Todos no fundo do mar sepultados... Sumiu-se o batel no negrume e ella ficou na praia até ao dia, ouvindo a ressaca, o uúú das aguas gigantes, aquella prodigiosa voz com que o oceano prega nas noites calladas e profundas.

De saia pela cabeça, perdida, sumida, encardida pela vida, secca pelos temporaes e pela desgraça, a velha clamou:

—Mãe raios partem o mar!

Raul Brandão.

JOÃO DE DEUS

(1896-1917)

Pedia a luz ao dia, ao CAMPO as FLORES, O canto ao bosque, ao firmamento as cores. E os seus versos fulguraram como estrellas.

Tardes de primavera—Queiroz Ribeiro.

Onze de Janeiro!

Lirio-nos esquecendo do anniversario da morte do grande lyrico, jamos deixando passar aquella data sem a consagração devida á sua memoria.

Parece-nos vel-o ainda preso d'uma conuioção intensa, tão intensa que lhe arrancara lagrimas do coração, quando a mocidade das escolas superiores lhe consagrou a maior das apoteoses que é possivel fazer-se a um homem da sua envergadura intellectual.

Elle tinha então no rosto a expressão sincerissima do grande affecto que votava aos Novos, ao vel-o saudar a sua immortel figura de poeta, mais do que isso, a sua incomparavel figura de educador.

Não ha memoria d'uma manifestação tão grande e tão calorosa, que bem a mereça o genial auctor do CAMPO DE FLORES, cujo coração se abria em mil sorrisos e cuja alma espargia ondas de luz nos celebres infantis.

Era assim que a mocidade o proclamava benemerito da patria; e a voz sonora e viva da mocidade ouvia-se pelo paiz inteiro, para perpetuar no espirito de todos o nome querido de João de Deus.

Um dia, porém, o cantor sublime, o poeta querido emmudecera para sempre, fugira para o Além, para aquella Outra Vida d'onde elle, n'um resgo de gratidão e de bondade santa, promettera escrever á mocidade que o ergua n'um pedestal de desvellado affecto, de acrisolado amor.

E' que para amal-o bastaria lê-lo; para sentil-o bastaria ouvir-lhe os cantos divinos; para comprehender-lhe a alma bastaria sorver o nectar delicioso das suas rimas, ou ellas não rescendessem a fe pura e sincera do seu espirito e não traduzissem a nobre sentimentalidade do seu diamantino coração.

Amou as creanças; consagrou-

lhes as joras mais delicadas da sua lyra; inundou-lhes a alma de luz harmoniosa e bella; lançou-lhes no coração a semente bendita da creança; sorriu-lhes sempre, sempre, n'um sorriso todo meiguice, que ninguem como elle amara as rosas em botão, ninguem cuidara d'ellas com o carinho que elle, o educador illustre, lhes consagrava.

Morreu o cantor, mas ficou a sua obra a fazer o lembrado das gerações futuras, obra que é uma benção de luz paeenne que se derrama carinhosa e se infiltra no nosso espirito, para nos dizer que elle fez da lyra uma harpa de crente e dos seus carmes uma oração fervente, porque cantou o amor e o céu; abriram-se-lhe n'alma as rosas da bondade e d'ellas fez um relicario divino.

Lêde o CAMPO DE FLORES se quereis ouvir-lhe a voz, conhecer-lhe a alma, e bendir-lhe heis a memoria, porque elle foi bom e foi crente; tangeu a lyra ao calor ardente da sua fé; guiou as almas á luz serena da verdade.

Lêde as flores da sua alma, cheias de fragancia, de aroma subtil, que elle lora o jardineiro desvellado que as colhia orvalhadas de rocio divino e as offerencia ás creanças, para que ellas mais vida dessem as suas setincas petalas com a terna meiguice do seu olhar de innocentes.

Abri a CARTILHA MATER-NAL que elle consagrara ás creancinhas, e diizei-nos depois se houve na Terra Portuguesa quem as amasse com mais delicada ternura, quem n'ellas visse a esperança mais fagueira d'uma Patria querida.

Eis porque vinte e um annos depois da sua morte lhe prestamos este culto de saudade e de veneração pela sua memoria.

Braga, Janeiro de 1917.

Vicente Braga.

Correio das salas

Accentuam-se as melhoras do nosso respeitabilissimo conterraneo sr. Bernardino Rebello Cardoso Menezes. Estimamos o completo restabelecimento de sua ex.^a.

Acompanhado de suas ex.^{mas} esposa, regressou ao Porto, na segunda feira passada, o respeitavel capitalista sr. José Marques Coelho, grande beneficor das instituições de caridade vimaranenses.

Vão progredindo as melhoras do sr. Francisco Fernandes Guimarães, estimado capitalista de Urgezes.

Regressou de Lisboa o illustre clinico vimaranense sr. Dr. Antonio Baptista Leite de Faria.

Tambem regressaram da capital, no domingo passado, os srs. Dr. Eduardo d'Almeida Junior e José Caetano Pereira.

Tem estado incommodado com um ataque de reumatismo, o rev. padre Antonio Garcia Guimarães. Estimamos as suas melhoras.

Esteve em Villa Real, em serviço forense, o nosso amigo sr. Francisco de Faria, intelligente solicitador no fóro d'esta comarca.

De visita a sua familia, partiu para a Regou o sr. José Maria do Souto, proprietário do Hotel Avenida, d'esta cidade.

Descanso das pharmacias

Está aberta, amanhã, a pharmacia ALFREDO MARTENS.

Concessão de medalhas militares

O «Diario do Governo» publicou ante-hontem um decreto approvando e mandando pôr em execução o regulamento para a concessão de medalhas commemorativas das campanhas do exercito portuguez.

Por outro decreto, no mesmo dia publicado, são concedidas essas medalhas a todos os que tomaram parte nas operações militares realisadas no sul da provincia d'Angola, em 1914 e 1916.

Parabens

Fazem annos, desde 24 a 27 do corrente:

As ex.^{mas} senhoras:

Dia 24—D. Emma Elvira Leão da Cruz Fernandes.

» 25—D. Gertrudes Julia Pereira de Castro Lobo.

» 26—D. Maria Emilia Coelho da Motta Preto;

» »—D. Maria da Madre de Deus Queiroz Passos.

» 27—D. Beatriz da Luz de Castro Sampaio da Silva Carneiro.

E os srs.:

Dia 24—Luiz da Costa d'Oliveira Bastos;

» »—José Lopes da Cunha.

» 26—João Antonio Vaz Vieira de Napoles.

Fez annos ante-hontem, o sr. João Rodrigues Loureiro, socio da importante firma commercial Benito dos Santos Costa & C.^a. As nossas felicitações ao respeitavel industrial.

Juventude Catholica

Foi immensamente concorrida a missa que, em festa de despedida, a direcção cessante da Juventude Catholica mandou celebrar, no ultimo domingo, na Basílica de S. Pedro. O virtuoso Bispo de Bragança, grande entusiasta das Juventudes Catholicas, dignou-se celebrar o Santo Sacrificio, fazendo ao Evangelho uma pratica eloquente e cheia de ensinamentos.

O programma da festa de segunda-feira, que devia ser constituido por uma sessão solenne, ás 9 horas da noite, no theatro de D. Affonso Henriques, não pode realizar-se, por a isso se ter opposto a auctoridade, representada pelo sr. J. R. Leite da Silva, que para a recusa se estribou n'uma falta de licença que, segundo as informações que colhemos, não foi jamais necessaria em circumstancias idênticas.

A resolução da auctoridade, que poderia evitar-se com um pouquinho de boa-vontade da sua parte, contrariou os assistentes. E' que, bem escassas são as diversões que esta boa terra nos offerece, e perdiam-se assim, inesperadamente, umas horas de agradável passatempo n'estas aborrecidas noites de inverno.

A Juventude Catholica trabalha para levar a effeito, na proxima segunda-feira, no referido theatro, a sessão solemne que projectára. O programma não soffre alteração.

Commemoração

Como noticiámos, a meza da Santa Casa da Misericórdia, d'esta cidade, mandou celebrar na passada segunda-feira, 15 do corrente, exequias solemnes por alma do seu grande beneficor José Lopes da Cunha Velho, commemorando assim o 1.^o centenário do seu fallecimento.

Ao religioso acto assistiu a meza e respectiva irmandade, não sendo feito o elogio fúnebre do morto, por não ter sido dado, pelo Sr. Arcebispo Primaz, a licença que lhe foi requerida.

Resoluções jornalisticas

Por accordo ultimamente celebrado entre si, os proprietarios dos periodicos d'esta cidade decidiram elevar, a contar d'hoje, o preço da 1.^a publicação dos seus annuncios, que passa de 40 a 50 réis a linha, conservando, todavia, o preço primitivo (20 réis) para a segunda publicação dos mesmos.

Esta alteração de preço vigorará emquanto o custo do papel não descer ao preço que mantinha anteriormente á guerra.

Já que nada ha a esperar da protecção dos altos poderes do Estado, que para as reclamações justissimas das empresas jornalisticas, só tiveram, até agora, um soberano desdem, é este um meio, embora insignificante, de attennar o forte agravamento de despesas com que a imprensa vem sendo sobrecarregada.

Egreja roubada

N'uma das noites passadas, os gatunos conseguiram penetrar na igreja de Silves, d'este concelho, apoderando-se, segundo nos informam, de dois vasos de prata e outros objectos do culto, e para cumulo de infamia, violaram o sacrario, espalhando pelo altar as sagradas particulas!

A caixa das esmolas appareceu arrombada, no caminho publico.

O dignissimo parcho da freguezia, rev. padre Manuel Ribeiro Cardoso, communicou o hediondo facto na administração do concelho.

Por esse paiz além, tem sido innumerados, nos ultimos tempos, os roubos sacrilegos praticados nos templos.

Uma anedocta de Camillo

Camillo, a quem saudades do passado e morbidas necessidades de isolamento levavam por vezes a visitas contemplativas ao Bom Jesus do Monte, uma vez que ahí se encontrava, condescendeu em descer a noite com uns amigos á cidade e com elles abancar á meza d'um dos famosos botequins da Arcada, que n'esse tempo era frequentado pela melhor sociedade de Braga.

O grande romancista, cavaqueador inexcedivel nas suas horas de bom humor, a todos prendia pela sua fulgurante perve, e attingia as culminancias do espirito, quando notou que, entre os assistentes, um cahira em profunda meditação, debruçado sobre um calix de canna que jazia na sua frente como que esquecido.

D'olhos baixos, fronte pendida, as mãos cruzadas beatificamente sobre o peito, despertou-o Camillo do seu sonho, chamando-o á realidade das cousas e querendo saber por onde andava o seu espirito errante.

—Pensava agora,—esclarece o pensativo e devoto bracarense com um suspiro e com uma grande unção na voz—pensava na sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo!

Camillo reprimiu o riso e respondeu de seguida:

—Effectivamente tem o meu amigo razão para essas mysticas locubrções, porque tem diante dos olhos os emblemas da Paixão: o calix da amargura, a canna, a esponja, que é você, e a cruz que nós levamos a atural-o.

Dr. Raul Alves da Cunha

Pelas 12 horas de ante-hontem, tomou posse do lugar de delegado do Procurador da Republica, d'esta comarca, o sr. Dr. Raul Alves da Cunha, genro do distinto advogado sr. dr. Antonio Coelho da Motta Preto. Foi-lhe conferida pelo meretissimo juiz de direito sr. dr. José Rodrigues dos Santos que, usando da palavra, enalteceu as qualidades de intelligencia e de caracter do sr. dr. Raul. Seguiu-se-lhe na mesma ordem de ideias, por si e pelos seus collegas, o sr. dr. Antonio Portas. Por fim, o sr. dr. Raul agradeceu, profundamente reconhecido, as palavras que lhe dirigiram tanto o sr. juiz de direito, como o sr. dr. Antonio Portas. Esse agradecimento estendeu-se igualmente a todos os cavalheiros que se dignaram assistir ao acto da posse.

Assistiram, entre outros, os seguintes srs.:

Mariano da Rocha Felgueiras, dr. Motta Preto, João Motta Preto, dr. João Rocha dos Santos, dr. Moreira Sampaio, dr. Eduardo Almeida, D. José Ferrão, dr. José de Oliveira Bastos, dr. João de Oliveira Bastos, dr. Adelino Jorge, dr. Alberto Ribeiro de Faria, dr. Augusto de Mattos Chaves, dr. Fernando de Mattos Chaves, dr. Pedro Guimarães, dr. Alfredo Peixoto, dr. Manuel Bernardino de Araujo Abreu, dr. Antonio Carneiro Junior, tenente João Gomes de Abreu Lima, Antonio Augusto da Silva Carneiro, Tomaz Rocha dos Santos, Francisco Antonio Alves Mendes, João de Oliveira Bastos, Joaquim Penafort Lisboa, José Maria Baptista Ribeiro, Luiz Candido Lopes, Manuel Mascarenhas, Armando Nogueira, Antonio José da Silva Ferreira, Jeronimo de Castro, João Alves Pimenta, Sebastian Rodrigues, João Couto Salgado, Agostinho de Oliveira Bastos, Manuel José de Oliveira, José Fernandes da Silva Correia, João de Deus Pereira, todos os officiaes de diligencias, Rodrigo Augusto da Graça Alvés e Francisco Raimundo de Souza Guise.

Renovamos ao illustre magistrado as nossas felicitações.

Uma acção louvavel

Em attenção aos bons serviços prestados pelos bravos bombeiros voluntarios, d'esta cidade, na extincção d'um incendio manifestado, ha dias, na casa da guarda do quartel do Proposto, o dignissimo commandante de infantaria 20, sr. coronel Albuques Mendes, dirigiu um officio de agradecimento ao 1.^o commandante d'aquella prestantissima corporação, enviando-lhe juntamente a quantia de 105000 réis para a caixa de soccorros.

Hospital da Misericordia

Nota do movimento de doentes no mez de Dezembro:

Doentes existentes no dia 30 de Novembro: 54 homens e 80 mulheres; total, 134.

Entrados durante o mez: 52 homens e 58 mulheres; total, 110.

Sahidos curados: 34 homens e 34 mulheres; total, 68.

Sahidos melhorados: 18 homens e 34 mulheres; total, 52.

Sahidos no mesmo estado: 3 homens e 5 mulheres; total, 8.

Fallecidos: 2 homens e 7 mulheres; total, 9.

Existentes no fim do mez: 40 homens e 58 mulheres; total, 107.

Consultas no banco: 61 homens e 97 mulheres; total, 158.

Curativos: 630 homens e 624 mulheres; total, 1254.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 189.

Cruzada das mulheres portuguezas

A lotaria promovida por esta patriótica instituição, que fóra adiada para 31 do corrente, já não se realisa, parecendo que ficará sem effeito, sendo restituído o dinheiro aos portadores de bilbetes, visto que d'estes apenas se venderam 100 contos, quando era necessario vender 1:200 contos.

ESCOLA ACADÊMICA

Instituto de Educação e Ensino, autorizado pelo Governo, por alvará de 19 de Julho de 1916

RUA DE VAL-DE-DONAS—45—GUIMARÃES

Instrução primária e secundária, esta com frequência no liceu.
Disciplina suave. Tratamento esmerado, igual para explicadores e alunos
Mais esclarecimentos sejam pedidos ao Director,

PADRE JOSÉ MARIA DA SILVA.

Assistencia religiosa em campanha

O *Diario* publicou o seguinte:

Artigo 1.º—A assistencia religiosa aos militares que a desejem e façam parte das forças de operações na guerra será dada por ministros portugueses dos respectivas religiões:

a) Que na qualidade de militares ou equiparados entrem na composição das forças em operações;

b) Que se offereçam para acompanhar essas forças;

c) Que sejam antigos capellães militares.

Art. 2.º—Os generaes commandantes das forças em operações na guerra permitirão que os ministros das diversas religiões que façam parte das forças dêem aos militares, me bros das suas confissões, a assistencia religiosa que elles desejarem, contanto que as manifestações do culto e praticas cultuaes não perturbem os serviços de campanha e a disciplina das tropas.

§ unico.—Os ministros das diversas religiões poderão transportar por conta do Estado as alfaias religiosas de que estritamente careçam para a assistencia religiosa e praticas cultuaes.

Art. 3.º—Os ministros não militares das diversas religiões que se offereçam para acompanhar as forças em operações serão equiparados a alferes e como taes terão direito a transportes, alimentação e alojamento, não lhes sendo, porém, abonado qualquer vencimento por conta do Estado.

§ 1.º—Compete aos generaes commandantes das forças em operações designar as unidades a que devem ficar adidos os ministros das diversas religiões a que se refere este artigo.

§ 2.º—Os ministros das diversas religiões, offerecidos nos termos d'este artigo, ficam para todos os efeitos sujeitos ás leis e regulamentos militares, e ás suas familias adquirem o direito a pensão de sangue nos termos da legislação em vigor.

§ 3.º—Os ministros de diversas religiões que desejem acompanhar as forças em operações devem requerer ao ministro da guerra a necessaria licença, fazendo acompanhar do seu requerimento os documentos comprovativos da sua situação em face da lei do recrutamento, a sua qualidade de ministros de qualquer religião, a certidão de idade e certificado do registo criminal.

Art. 4.º—O ministro da guerra poderá permitir que os antigos capellães militares que assim o requererem acompanhem as forças em operações, a fim de junto d'ellas ministrarem a assistencia religiosa que lhes seja solicitada pelos militares catholicos.

§ unico.—Tem applicação a estes officiaes o que se determina nos §§ 1.º e 2.º do artigo anterior.

Art. 5.º—O numero de licenças a que se referem os artigos antecedentes não pode ser superior, para cada religião, ao numero de capellães militares que existirem nas forças em operações se ainda vigorasse a legislação anterior a proclamação da Republica, relativa a esses officiaes.

Mercado semanal

Eis os preços por que foram vendidos, no mercado semanal de hoje, por medida de 20 litros, os generos abaixo mencionados:

Milho branco.....	17150
» amarello.....	17120
» alvo.....	17200
Centeio.....	17200
Trigo.....	17600
Feijão branco.....	17700
» canario.....	17000
Painço.....	17200
Batatas (15 kilos).....	7900
Ovos, dúzia.....	7240
Gallinhas, uma.....	7800

O «Jogo do Bicho»

Lemos n'uma carta de Lisboa para o *Noticias*, do Porto:

Como é sabido, o jogo não é permitido em Portugal. Entretanto, e apesar de estar no poder o partido que se oppõe á regulamentação d'esse mesmo jogo, jogase-se desabaladamente em Lisboa. Além d'isso, ha a lotaria, que tambem não concorre pouco para mobilisar importantes capitaes. Parece, contudo, que isso não basta. Assim, já se annuncia a introdução, para breve, d'uma nova lotaria, conhecida pelo nome do «Jogo do Bicho», a qual fez no Rio de Janeiro, ha annos, enorme sensação, tendo chegado a originar verdadeiras e tremendas tragedias. Vamos a vêr se, com a tal bicharada, nos acontece por cá outro tanto.

Dinheiro a juro

Dão-se a juro as seguintes quantias:

1:000	\$ 000
1:200	\$ 000
1:800	\$ 000
4:000	\$ 000

a 5 e meio por cento.

Quem pretender falle n'esta redacção.

Cinematographos

High-Life Cinema

Na sessão da moda de amanhã, continúa a sensacionalissima película OS MYSTERIOS DE NEW YORK, fita monumental, cujo exito é escusado encarecer.

Os poucos bilhetes que restam estão á venda no domingo, uma hora antes do espectáculo, na bilheteira do theatro.

Cinema Chantecler

Têve uma magnifica enchente este salão, na noite de domingo.

Amanhã, continúa o «film» de grande sensação—OS MYSTERIOS DE NEW-YORK (11.º, 12.º e 13.º série).

E' do nosso illustre collega *Commercio do Porto* o nosso editorial.

Ultimas palavras d'alguns homens celebres

Um jornalista francez deu-se ao trabalho, assaz curioso, de investigar as palavras proferidas á hora da morte pelos homens que em vida tiveram celebridade nas letras, nas sciencias, na philosophia, na guerra, ou na politica, aggrupando-as segundo o ramo d'actividade em que esses homens se distinguiram.

Como a lista é muito longa, transcrevemos apenas a parte que diz respeito aos homens de letras.

Malherbe morreu censurando ao seu confessor uma expressão que este empregara menos correctia, terminando por estas palavras, que foram as ultimas:

Perdoe, meu padre, mas eu defenderei até á morte a pureza da lingua franceza.

La Fontaine expirou, dizendo: *Morrer que importe? O peior é ter que comparecer na presen'a de Deus!*

Boileau aos amigos que o cercavam:

Adas, meus amigos! E é bem longo este adeus!

Fontenelle a um amigo que lhe perguntou como passava:

Passo bem... para o outro mundo...

João Jacques Rousseau, morreu ao ar livre, em face da natureza que elle tanto amou. Eis as suas ultimas palavras:

O sol chama-me... Vede como é immensa a sua luz! E' Deus que me chama e me obre o seu seio... Ser dos seres!...

O poeta André Chenier, condemnado á morte, na flor da vida, antes de subir ao cadafalso, dizia a um dos seus amigos:

Nada fiz e nada deixo á posteridade. Levo connigo este desgosto para a sepultura.

E' batendo com a mão na fronte: *Comtudo, aqui, havia alguma cousa!*

Wolcot, poeta inglez, respondia a um amigo que lhe perguntava se podia fazer-lhe alguma cousa que lhe minorasse o soffimento:

Restitue me a juventude...

E morreu em seguida.

Goethe expirou dizendo:

Muita luz! Cada vez mais luz!

Henry Heine dizia aos que o acompanhavam na hora extrema:

Não vos inquieteis! Deus me perdoar! é esse o seu mister.

Depois, estirando-se de costas, fechou os olhos e disse:

E' esta a pose da morte...

Alfred de Musset, que soffria d'insomnias permanentes, exclamava com allivio, quando presentia a aproximação da morte:

Que boa cousa é o soc'go! Dormir! Vou dormir enfim...

Caçilda da Madre de Deus d'Oliveira Soares aceita em sua casa, á Rua 31 de Janeiro, n.º 82, alunos de ambos os sexos, leccionando-lhes instrução primaria (1.º e 2.º graus), Portuguez, Francez e trabalhos manuaes.

Caminbo de Ferro de Guimarães

Horario de comboios desde 10 de junho de 1916

Comboios ascendentes

N.º 13—Mixto—Aos sabbados.—Parte de Louzado ás 6,50 e chega a Guimarães ás 8,18.

N.º 5—Mixto—Dias uteis—Até 15 de outubro—Parte da Trofa ás 7,40 e chega a Guimarães ás 9,13. Liga com o comboio n.º 3 da linha do Minho, que parte do Porto ás 4,53.

N.º 3—Mixto—Domingos e dias feriados—Até 15 d'outubro—Parte da Trofa ás 8,20 e chega a Guimarães ás 9,54. Liga com o n.º 3 do Minho (recreio), que parte do Porto ás 7,27.

N.º 1—Correio—Diario—Parte da Trofa ás 9,36 e chega a Guimarães ás 11,10. Parte de Guimarães ás 11,15 e chega a Fafe ás 12,12. Corresponde com os comboios n.º 1 e 12 do Minho.

N.º 19—Aos sabbados—Parte da Trofa ás 12,18 e chega a Guimarães ás 16,49. Corresponde com o comboio n.º 51 do Minho, que parte do Porto ás 14,19.

N.º 11—Mixto—Diario—Parte da Trofa ás 18,23, chega a Guimarães ás 19,32 e a Fafe ás 20,34. Corresponde ao comboio n.º 11 do Minho, que parte do Porto ás 17,10.

N.º 7—Mixto—Domingos e dias feriados—Até 15 d'outubro.—Parte da Trofa ás 19,25 e chega a Guimarães ás 20,57.

N.º 15—Mixto—A's quartas-feiras—Parte de Guimarães ás 7,38 e chega a Fafe ás 8,32.

N.º 17—Mixto—A's segundas-feiras. Parte de Louzado ás 14,38 e chega a Lordello ás 15,33.

Comboios descendentes

N.º 12—Mixto—Diario—Parte de Fafe ás 6,38 e chega a Guimarães ás 7,30. Parte de Guimarães ás 7,48 e chega a Trofa ás 9,07. Corresponde com o comboio n.º 9 da linha do Minho para Valença, Braga e Povoas.

N.º 4—Mixto—Diario—Parte de Guimarães ás 11,40 e chega á Trofa ás 13,11. Liga com o n.º 34 do Minho, que chega ao Porto ás 14,40.

N.º 20—Mixto—Aos sabbados—Parte de Guimarães ás 14 e chega á Trofa ás 15,41. Corresponde ao comboio n.º 56 do Minho, que chega ao Porto ás 16,42.

N.º 18—Mixto—A's segundas-feiras—Parte de Lordello ás 15,30 e chega á Trofa ás 16,51.

N.º 6—Correio—Diario—Parte de Fafe ás 16,10 e chega a Guimarães ás 17,04. Parte de Guimarães ás 17,14 e chega á Trofa ás 18,46. Corresponde ao comboio n.º 6 do Minho, que chega ao Porto ás 20,10.

N.º 8—Aos sabbados, até 15 d'outubro—Parte de Guimarães ás 18,20 e chega a Louzado ás 19,42.

N.º 14—Mixto—Domingos e dias feriados—Até 15 d'outubro—Parte de Guimarães ás 21,45 e chega á Trofa ás 23,10. Corresponde ao comboio n.º 14 do Minho, que chega ao Porto ás 0,30.

OBSERVAÇÕES

1.º—Os comboios n.º 1 e 6 tem paragem de 1 minuto em Palmeira, Espinho, Magdalena, Covas, Penha e Cepães para serviço de passageiros; os comboios

n.º 3, 4, 13, 14 e 20 em Palmeira, Espinho, Magdalena e Covas; o comboio n.º 15, em Penha e Cepães; os n.º 17, e Espinho; 18, em Palmeira; e os n.º 19 e 12, em Espinho, Magdalena, Covas, Penha e Cepães.



AVA

ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!
154, R. Republica, 160-Guimarães



«O Mundo Illustrado»

Vlagers, aventuras de terra e mar

Artes e sciencias, contos e romances, usos e costumes dos povos, factos notaveis, variedades, anedoctas, 1 volume, 312 paginas, grande formato, com finissimos quadros (monumentos, conventos, egrejas, quadros celebres, esculpturas, vistas de cidades, paysagens, scenas de romances, typos, raças, descobertas, maravilhas do mundo, etc.) e mais 26 numeros com 418 paginas, primorosas gravuras, capas de grande arte.

A colleção completa — tudo o que se publicou

15000 RÉIS

Com luxuosas capas em percalina, constituindo um brinde de valor

25000 RÉIS

(orreo gratis)

Obra de luxo para estante e meza. Leitura recreativa, alegre, para todos. Cerca de 1.000 gravuras em papel couché.

Custava por assignatura 37120. Agora 15000!

FERREIRA DOS SANTOS

Rua do Almada, 80—PORTO



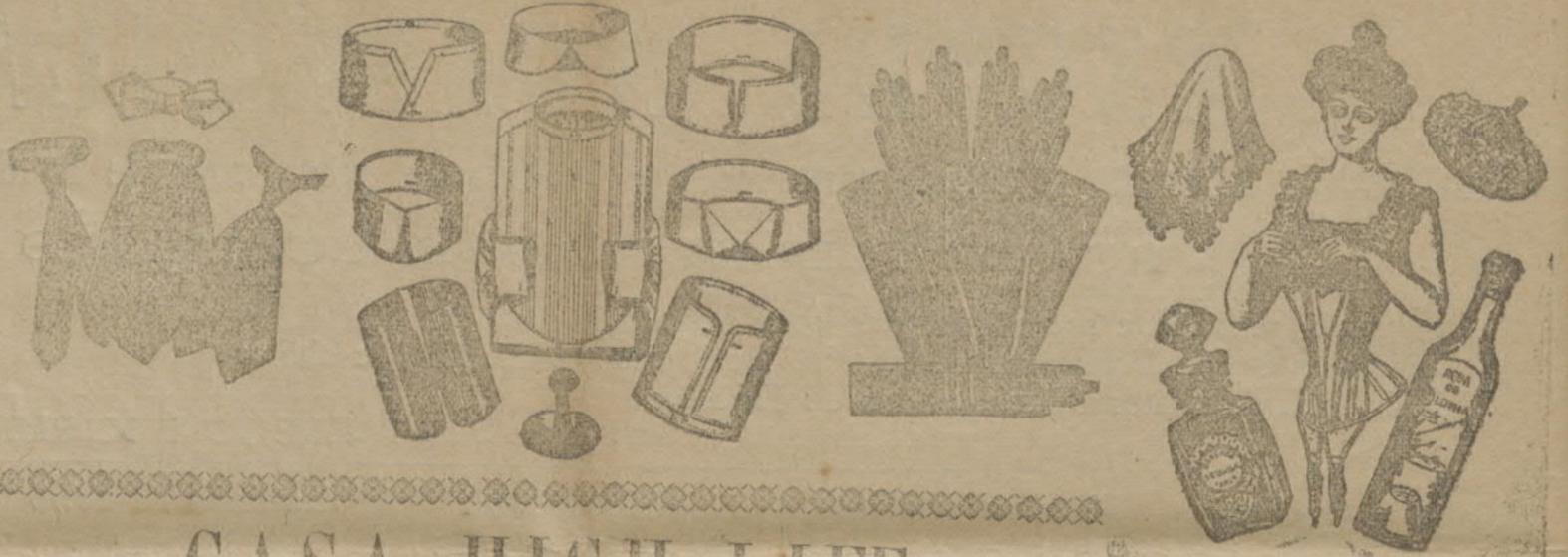
COLÉGIO DE SANTA MARIA

Madrôa — Guimarães

Admite alunas internas, semi-internas e externas. Cuidada educação moral, doméstica e literaria. O resultado dos exames no ano findo foi de 18 aprovações com 5 distincões.

Envia programas a Directora

D. Maria da Purificação Barros.



CASA HIGH-LIFE

1, RUA 31 DE JANEIRO, 7 (esquina) — PRAÇA D. AFFONSO HENRIQUES, 132
GUIMARÃES

Inauguração da estação de inverno

Chapeus para senhora e creança
Camisaria, gravataria, modas e perfumaria
Novidades parisienses



ANTIGA OURIVESARIA LIMA

—DE—
AMELIA LIMA S. FONSECA

65, Rua do Dr. Avelino Germano, 65 (antiga rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Esplendido sortido e grande variedade de objectos de ouro e prata, nacionaes e estrangeiros, em caixas de luxo proprias para brinde.
Grande sortido de relógios de bolso em ouro, prata e aço, assim como relógios de meza e de parede, e despertadores dos melhores auctores.
Compra-se ouro e prata usada, assim como se fazem todos os concertos, por mais difficeis que sejam, com a maxima perfeição.
Ha a maior seriedade e economia em todas as transacções.

O gerente, José Joaquim da Fonseca.

Manuel Jeronymo de Mattos
FABRICANTE DE LANIFICIOS
PARA SENHORAS E CAVALHEIROS
COVILHÃ

Este estabelecimento e armazem é, no genero, o mais completo da Beira Baixa. Em preços não tem competidor. Na fabricação esmerada ninguem o excede, pelas boas materias primas empregadas no fabriço. Manufactura como as melhores e mais reputadas fabricas estrangeiras. Em côres fixas, que garante, poucos o egualam; em côres, padrões e gosto, está á altura dos primeiros innovado res. A's suas transacções d'alto commercio e no fornecimento de fazendas directamente pedidas e fornecidas á sua numerosa clientellia de Portugal e ilhas, preside sempre o maximo escrupulo, a extrema seriedade. Peçam amostras.

Livrarias e casas-editoras

- Recomendamos as seguintes:
- Livraria Bertrand, de José Bastos—Rua Garrett—Lisboa.
 - Livraria Franca Amado—Rua Ferreira Borges—Coimbra.
 - Livraria Guimarães & C.—Rua do Mundo—Lisboa.
 - Companhia Portuguesa Editora—Rua do Almada—Porto.
 - Livraria Moura Marques—Largo M. Bombarda—Coimbra.
 - Livraria Alfredo Bacci—Rua de Serpa Pinto—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Rua das Oliveiras—Porto.
 - Livraria Alameda—Rua Alameda—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Rua S. Paulo—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Praça do Sacramento—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Rua Direita—Aveiro.
 - Livraria Alameda—R. do Marechal Saldanha—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Praça dos Restauradores—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Praça de Santa Brígida—Lisboa.
 - Livraria Alameda—Praça de Santa Brígida—Lisboa.

Antiga casa dos Guarda-sóis
RUA DA REPUBLICA, 156-160
(Antiga rua da Rainha)
GUIMARÃES

Deposto de guarda-sóis e bengalas, com officina anexa para concertos.
É, n'este genero, a casa mais sortida, mais antiga e acreditada de Guimarães.
Paramentaria, sirgaria e miudezas.
Vendas e concertos por preços sem competencia.
O proprietario pede uma visita ao seu estabelecimento.

VIMARANENSE

Semanario independente, litterario, noticioso e defensor dos interesses locais

Ex.^{mo} Sr.